

A CONTAÇÃO COMO GATILHO PARA O IMAGINÁRIO E A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Camila Oliveira (FNSL)

camilaoliveirae35@gmail.com

Elissandro dos Santos Santana (FNSL)

elissandross@gmail.com

Ana Joaquina Amaral (FNSL)

anajoaquina@uol.com.br

Denys Henrique Rodrigues Câmara (CIEPS)

denyscamara@gmail.com

RESUMO

Este trabalho resulta de pesquisa acerca de empiria docente, em formação, sobre a contação de história como gatilho para o imaginário e a aprendizagem da criança. Para o desenvolvimento da pesquisa, no formato memorial empírico e bibliográfico, realizou-se uma revisão de fontes para a consubstanciação da análise de que o ato de contar ou de narrar é essencial para a formação de crianças com competência leitora, imaginativa e produtora de sentidos desde os primeiros anos de escolarização. Com esta investigação em torno da própria práxis, algo ainda rechaçado em alguns espaços acadêmicos, houve a possibilidade de aliar saberes adquiridos no ensino de literatura infantojuvenil com a prática docente (em construção) em sala de aula a partir do objeto estudado, o que imprime valor e sentido ao próprio ato de pesquisar e de ensinar. Em suma, os resultados alcançados propiciam, de alguma forma, novas reflexões sobre a contação de histórias nos processos de ensino e de aprendizagem no ambiente escolar na educação infantil.

Palavras-chave:

Aprendizagem de língua materna. Educação infantil. Contação de história.

ABSTRACT

This paper is the result of research on teacher empiricism in formation about Storytelling as a trigger for the child's imagination and learning. For the development of the research, in empirical and bibliographical memorial format, a review of sources was carried out to substantiate the analysis that the act of telling or narrating is essential for the formation of children with reading, imaginative and sense-producing competence, since the early years of schooling. With this investigation around the praxis itself, something still rejected in some academic spaces, it was possible to combine knowledge acquired in the discipline of Children's Literature with the teaching practice (under construction) in the classroom from the studied object, the which gives value and meaning to the very act of researching and teaching. In short, the results achieved somehow provide new reflections on storytelling in the teaching and learning processes in the preschool environment.

Keywords: Learning. Child education. Storytelling.

1. *Introito e contextualização do objeto de pesquisa*

Esta pesquisa apresenta resultados empíricos a partir de memórias de prática pedagógica em torno da contação de história da pesquisadora Camila Oliveira. A partir das observações feitas, a pesquisadora mencionada, com suporte dos outros autores do trabalho em baila, verificou que a contação contribui significativamente para o desenvolvimento da aprendizagem da criança e, no contexto escolar, aparece como ferramenta que favorece o processo de ensino e de aprendizagem, possibilitando à criança o acesso ao texto oral e escrito e, desta forma, viabilizando o contato com um universo simbólico infindável de produção de sentidos, fator que permite ao aprendiz desenvolver-se cognitivamente, social e emocionalmente por meio da fantasia, da imaginação e da formação de uma cultura sólida de leitura.

A pesquisa está dividida nos sete capítulos, a saber: Apresentação da pesquisa; Memórias de uma profissional em formação sobre a contação de histórias; Metodologia para a consecução da pesquisa; A contação de histórias: como surgiu e como contribui para a aprendizagem na educação infantil. A contação de histórias a partir da legislação educacional brasileira; A contação de histórias no ambiente escolar: alguns caminhos/direções e Considerações finais.

Na primeira parte, conforme esperado, apresenta-se a pesquisa. No segundo momento, narra-se um pouco sobre reflexões no tangente à contação de histórias a partir da própria experiência docente. Em terceiro plano, discorre-se sobre a metodologia utilizada para a pesquisa. Na quarta etapa, apresenta-se uma breve descrição sobre a contação de histórias, passando-se pela evolução e aspectos da área que contribuem para o desenvolvimento da criança ao longo do tempo até os dias atuais. No quinto momento, o objeto foi discutido à luz de parte da legislação educacional brasileira. No sexto capítulo, são apresentados caminhos e direções acerca da práxis em torno da contação de histórias e, por fim, no último capítulo, são tecidas algumas considerações finais.

2. *Memórias de uma profissional em formação sobre a contação de histórias*

Na disciplina literatura infanto-juvenil, no curso de pedagogia da Faculdade Nossa Senhora de Lourdes – FNSL, em Porto Seguro – BA, consolidou-se uma cultura de leitura a partir de teóricos e pensadores que

discutem os principais conceitos e bases da contação de história e como esta contribui para a formação do discente leitor. Neste primeiro contato, surgiu o interesse por investigar a própria empiria docente por meio da prática em sala de aula em torno da contação de história e como esta contribui para o desenvolvimento da criança não somente como receptor de narrativas, mas como leitor imaginativo/criativo em um processo ativo de produção de saberes e de conhecimentos em geral.

Durante a experiência em sala de aula, ainda como pedagoga em construção, nos momentos de contação história, Camila Oliveira, verificou o quanto os alunos ficavam ansiosos para o ato de narrar/ouvir histórias e como eles se envolviam com os enredos das narrativas a partir dos mais diversos gêneros literários. Diante disso, ao colocar a contação de história como elemento pedagógico, observou-se que as crianças desenvolviam o gosto pela leitura e as aulas ficaram mais interessantes com a participação mais efetiva do alunado. O ambiente escolar se transformou em uma grande festa do saber.

Como mencionado, todos os dias as crianças esperavam ansiosamente para o momento de contação de história e cada olhinho brilhava ao escutar cada palavra. O que chamava a atenção era que, após o término de cada história, elas pediam o livro e começavam a recriar narrativas para os demais como se soubessem ler formalmente.

A partir desse momento, corroborou-se a hipótese fundante da pesquisa, o papel da contação de histórias para a formação da criança-leitora, pois os docentes despertaram o interesse pela leitura. Muitas vezes, narravam a partir das próprias interpretações e todos chegavam entusiasmados à sala de aula relatando haver solicitado aos pais para que lhes contassem histórias, ou, até mesmo, contando sobre as narrativas que ouviram na escola.

Ao longo da experiência em formação, constatou-se que as crianças traziam livros de suas casas e sempre pediam para ler e, em muitas dessas ocasiões, também queriam ler para outros. Não demorou muito para que percebesse o quanto o ato de contar histórias tinha minimizado a distância deles em relação ao ato de alfabetizar, pois os mesmos relacionavam o nome de algo que tinha visto nas histórias com palavras do cotidiano. O desenvolvimento do aluno leitor foi incrível, pois ao ter contato com o mundo da leitura, os alunos começaram a relacionar conteúdos, falas, objetos e sentimentos com as histórias narradas, o que facilitou o aprendizado de forma prazerosa, ou seja, a partir do saber-sabor que a literatura

comporta.

Como mediadora, Camila Oliveira sempre buscou inserir histórias que se aproximavam da realidade dos alunos, pois, desse modo, tinha um retorno maior. Por meio das histórias, conseguia, em sala, estimular a criatividade, a imaginação e propiciar a socialização, pois os incentivava a criarem as histórias e a contarem para os demais.

A partir da empiria com a contação de história, percebeu-se que a escola deve promover momentos narrativos, buscando meios de fazer com que as crianças tenham acesso às pessoas mais antigas, entrando em contato com as narrativas orais da comunidade. Outro fator importante a destacar é que é importante realizar encontros de contação de história com a família, para que a criança faça reflexões e compreenda a realidade que a cerca.

Nos primeiros anos de escolaridade, a criança entra em contato com as narrativas, com a contação de histórias e com os vários gêneros textuais e literários como contos, fábulas, anedotas e outros. Isso, de per si, já contribui para a formação do ato de ler e se converte em uma alternativa para colocar a criança em contato com o livro. Assim, a contação de histórias tem um papel muito importante na educação infantil, pois é um dos primeiros contatos que a criança tem com o texto oral e é também o momento em que se inicia o gosto pela leitura.

3. *Metodologia para a consecução da pesquisa*

Esta pesquisa se configura como relato de memória e, ao mesmo tempo, é bibliográfica. Por memória, entenda-se que, para todas as reflexões, inclusive teóricas, houve a apresentação das próprias narrativas de uma das autoras do trabalho como pedagoga em formação, na instituição em que trabalha.

A pesquisa se desenvolveu também como estudo exploratório, por meio de pesquisa bibliográfica, que, segundo Antonio Carlos Gil (2008, p. 50), “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos”. Tudo isso para a consolidação de um marco teórico para a fundamentação das discussões.

No que concerne às fontes bibliográficas, foram utilizados livros, artigos e revistas, publicados há alguns anos e recentemente.

Acerca da pesquisa bibliográfica, de acordo com Carla Cruz e Uirá

Ribeiro (2004):

A pesquisa bibliográfica pode visar a um levantamento dos trabalhos realizados anteriormente sobre o mesmo tema estudado no momento, pode identificar e selecionar os métodos e técnicas a serem utilizados, além de fornecer subsídios para redação da introdução e revisão da literatura. Do projeto ou trabalho. (CRUZ & RIBEIRO, 2004, p. 12)

Segundo Antonio Carlos Gil (2008), a pesquisa exploratória objetiva proporcionar maior familiaridade com o problema, buscando torná-lo mais explícito ou construir hipóteses. Desta forma, pode-se dizer que esta pesquisa tem como objetivo central o aprimoramento de ideias.

Diante da questão pontuada, o planejamento desta pesquisa se configurou como bastante flexível, de modo a possibilitar a consideração de possíveis mudanças de trajeto à medida que as observações em sala de aula fossem sendo feitas.

Para a seleção das fontes, utilizou-se o critério de inclusão de bibliografias que abordassem a contação de história, a criança e a educação infantil.

A coleta de dados foi realizada através de leitura exploratória do material selecionado e de uma leitura seletiva com registro dos pontos de maior interesse que atendiam à referida pesquisa para consubstanciar as próprias experiências sobre o aprender a partir de narrativas orais e contação de histórias.

4. *A contação de história: como surgiu e contribui para a aprendizagem na educação infantil?*

É sabido, a partir de vários resultados de pesquisa, que, desde a antiguidade, a sociedade se vale da contação de história para a difusão da cultura e saberes. No início, o ato de contar se deu por meio da oralidade, mecanismo de comunicação e de produção de conhecimento sociocultural. Cabendo destacar que a transmissão de saber a partir da oralidade se estendeu durante séculos em várias civilizações e, até mesmo na atualidade, ainda existem comunidades e povos que se valem da oralidade para a construção de saberes em geral. Nesse sentido, é oportuno mencionar que a trajetória da oralidade até a invenção da escrita marcou profundamente o percurso da humanidade.

A narrativa oral, durante muito tempo, foi o elemento central de construção da memória, mas, após o surgimento da escrita, começou a

entrar no imaginário societário como inferior, aparecendo em muitas sociedades letradas como um ato de pessoas que não sabiam ler. Somente após muito tempo, o homem começou a ver a importância da contação, do ato de narrar, das narrativas orais, diante da admiração e da aprovação social, para alcançar o prestígio social atual. Acerca desta questão, o educador infantil e outros profissionais que atuam nas ciências da linguagem precisam compreender que: “Sendo assim, os contos sempre tiveram uma função muito especial dentro das práticas culturais e sociais de todos os povos, alimentando os sonhos e os anseios de superação dos conflitos de espírito e do corpo”. (CAVALCANTI, 2002, p. 65)

É importante notar que todas as crianças, desde muito cedo, gostam de ouvir histórias. Algumas solicitam à mãe e ao pai que lhes contem histórias. Desta forma, os pais devem, mesmo antes dos primeiros anos de escolaridade, colocar o filho em contato com o texto oral, pois uma história bem contada agrada a todos, independentemente da idade, e “histórias existem para serem contadas, ouvidas e conservarem o acesso ao enredo da humanidade. O contador narra para se sentir vivo”. (BUSATTO, 2006, p. 17)

Todavia, valorizar os relatos orais é, também, uma forma de compreender o nosso percurso. É entender a importância da contação de história por meio da oralidade para a sociedade e como este ato pode ser utilizado como instrumento no processo educativo por estar agradando a todos pelo simples prazer de ouvir, pelo aspecto lúdico, por aguçar a curiosidade, desafiando o imaginário das pessoas. É utilizar desta ferramenta para promover o aprendizado, pois este acessa o inacessível do ser humano e principalmente das crianças por adentrar no imaginário da criança e oferecer um mundo de imaginação ao qual a criança está livre para criar e recriar o universo de sentidos à sua volta.

Contar histórias é fermento para o imaginário. Elas nascem no coração e, poeticamente circulando, se espalham por todos os sentidos, devaneando, gateando, até chegar ao imaginário. O coração é o grande aliado da imaginação nesse processo de produção de imagens significativas. Com o coração, a gente sente e vê com os olhos internos as imagens que nos fazem bem. (BUSATTO, 2006, p. 58-59)

Ao escutar uma história, a criança desenvolve sua comunicação oral e expressiva. Adquire novos conhecimentos e habilidades, desenvolvendo conceitos na vertente social, emocional e cognitiva, tornando-se uma criança mais criativa e crítica, pois a contação de história é lúdica, recreativa, educativa e afetiva. Nesse âmbito, o ato de contar ou de narrar,

a partir da leitura converte-se em um agente transformador, facilitando o aprendizado e a interação da criança com o mundo interno e externo. Joana Cavalcanti (2002), acerca desse ponto, afirma que “contar histórias para as crianças vai muito além de diverti-las porque toca em questões essenciais da existência”.

Ao escutar uma história, a criança desenvolve a imaginação e, consequentemente, uma série de habilidades. Nesse percurso, ela dá asas a uma gama de processos para a construção de conhecimentos linguísticos, enciclopédicos e interacionais.

No que se refere à construção do conhecimento de mundo, ao contar uma história para uma criança, possibilita-se que ela adentre em um universo plurissignificativo, de novas descobertas e conhecimento em linhas expansivas. Com isso, ela tem a oportunidade de construir seu próprio conhecimento. Desta forma, tem-se que a contação de histórias auxilia a criança na descoberta da própria identidade e na resolução de seus conflitos. Nessa linha de raciocínio, Cléo Busatto (2006) afirma que “as histórias são verdadeiras fontes de sabedoria, que têm papel formador da identidade”.

A contação de histórias está totalmente atrelada ao imaginário da criança, pois o uso dessa ferramenta não somente impulsiona a imaginação dos pequeninos como desenvolve o gosto pela leitura, viabilizando, assim, a ampliação do conhecimento de mundo e do espaço. Nesse ínterim, ao ouvir histórias, o público infantil toma contato com as narrativas da própria cultura da qual faz parte e tal fator permite a formação de questões como personalidade, valores e crenças, portanto, a contação de histórias não pode ser apenas um passa tempo, mas uma ferramenta de expansão do conhecimento e incentivo para novas descobertas. Partindo-se dessa perspectiva:

As histórias são verdadeiras fontes de sabedoria, que têm papel formador da identidade. Há pouco tempo, elas foram redescobertas como fonte de conhecimento de vida, tornando-se também um grande recurso para educadores. Com o advento da comunicação, ampliação dos seus recursos e a globalização das informações, a linguagem falada tende a definir, porém, concomitante a esse desenvolvimento, surgiu uma necessidade de resgatar os valores tradicionais e a própria natureza humana. A tradição oral dos contos, não só não reapareceu, como está ganhando força nos últimos tempos. (BUSATTO, 2006, p. 21)

Sendo assim, a contação de história surge como excelente ferramenta pedagógica, pois, favorece a contextualização do conteúdo escolar de uma forma prazerosa e dinâmica. Diante desse papel, contar histórias é

abrir novos roteiros e possibilidades de ensino-aprendizagem, pois, ao escutar ou ler uma narrativa, a criança desenvolve habilidades linguísticas, competências discursivas como descrever e verbalizar sentimentos/pensamentos.

A partir do encontro com a contação, amplia a leitura do mundo. A criança, quando inserida no mundo literário, devolve saberes diversos, pois, consciente ou inconscientemente, se abre para novos conhecimentos e se deixa envolver pelo fantástico mundo da leitura.

Na narração das histórias, os alunos se identificam com os personagens e diferenciam construtos culturais e noções duais como bem-mal, certo-errado e, nesta dinâmica, vão construindo valores morais e éticos, de autoconhecimento e de reflexão, ou seja, naturalmente, são construídos princípios importantes nesta fase primordial em que estão desenvolvendo uma visão de e sobre o mundo.

O ato de ouvir histórias na educação infantil contribui, significativamente, para que as crianças se tornem ouvintes pelo fato da contação ser lúdica. Isto permite que a criança aguçe a imaginação e adentre o reino simbólico dos sentidos para a construção de um conhecimento mais aprofundado sobre o texto, revendo todas as informações de forma mais lúdica e dinâmica. Nesse plano lúdico do ouvir/ler, aprende-se em um formato bem mais interativo, instigante e estimulante para o desenvolvimento humano.

Segundo Dario Braz da Silva Neto, Francisco Braz da Silva e Eric Emerson Arruda (2006), a história contribui para criar um caminho para a maturidade, para o desenvolvimento da criança e sedimentação da individualidade, da autovalorização e da projeção de um futuro esperançoso, gerando o abandono das dependências infantis e abrindo espaço para o convívio com a obrigação moral e a convivência social pautada na consideração do outro.

Em suma, por meio da contação de história, é possível trabalhar conteúdos de linguagem oral e escrita, da sintaxe à semântica, e o aprimoramento da linguagem falada, sendo possível desenvolver a expressão oral, a escrita, ampliar o vocabulário, levando a criança a uma reflexão do seu meio social e cultural, abrindo roteiros para descobrir os conceitos morais que os cercam.

A prática de contar histórias em sala de aula é prazerosa, tanto para o discente, quando para o docente contador, pois, este, ao adentrar no

mundo das crianças, constrói um elo com o aprendiz. Desta forma, o professor consegue construir pontes de aprendizagem, seja através de uma história lida ou contada.

Assim, o papel do contador de histórias, no contexto escolar, abre portas para a construção do conhecimento dinâmico e eficaz, pois vai além dos conteúdos. O docente contador acessa o imaginário do aluno e produz efeitos relevantes no psíquico infantil. Além disso, auxilia também na construção do universo social, pois, a criança interage e constrói relações com aquele que partilha as histórias. Sendo assim, contar histórias é criar laços e compartilhar amizade.

Malba Tahan (1957) afirma que, a criança, ao ouvir uma história, desenvolve a expansão da linguagem infantil, estímulo à inteligência, aquisição de conhecimento, socialização, revelação das diferenças individuais, formação de hábito e atitudes sociais e morais, cultivo da sensibilidade e da imaginação, da memória e da atenção, interesse pela leitura, portanto, pode-se perceber a importância da contação de história como uma forma educativa, pois ela auxilia em diversos campos dos saberes, permitindo construir aprendizagens, inclusive a corporal, pois, ao contar histórias e ouvir as histórias, a criança se apropria de toda narrativa, imitando gestos e sons, trabalhando, assim, toda a expressão corporal.

Conforme salientam Cíntia Cesar, Linda Cristina Magalhães, Silvana Pereira, Vânia Aparecida Marques Leite (2014):

Uma história bem contada é um importante estímulo para o desenvolvimento pleno das crianças, pois atua no campo cognitivo, social e emocional. Percebe-se que, quando dispõem de acesso à leitura, desenvolvem um vocabulário mais rico, são mais curiosas e criativas e articulam melhor as ideias. (CESAR et al., 2014, p. 35).

Neste sentido, o educador e a educadora precisam ter conhecimentos sobre como transmitir o texto oral, a forma como eles vão apresentar o texto para a criança e o momento em que ele é propício para que esse aprendizado aconteça de uma forma mais ampla e significativa, uma vez que a história, quando bem contada, desperta na criança o campo cognitivo, social e emocional.

A contação de história também é uma forma da criança aprender, pois é o primeiro contato dela com um texto. Nesse contato, cria expectativas e fantasias com a beleza das palavras. Aguça a imaginação, o despertar de novos horizontes, entre outros fatores que possibilitam o desenvolvimento da criança, conforme afirmam Cíntia Cesar, Linda Cristina

Magalhães, Silvana Pereira, Vânia Aparecida Marques Leite (2014), quando dizem que:

A literatura é uma fonte educativa e diversificada, por meio dela o aluno entra em contato com muitas experiências, com a beleza das palavras, sua sonoridade, o que trará benefícios em sua futura fase de alfabetização. Além de estimular a imaginação, abre novos horizontes, transmite valores multiculturais, permite que as crianças conheçam sobre o presente e também experiências e fatos do passado. (CESAR et al., 2014, p. 35)

Porém, é importante destacar que a história não é usada apenas como uma forma de passar ou resgatar ensinamentos de uma geração para a outra, muito pelo contrário, ela possibilita o aguçamento do prazer, do ouvir, de criar e incentivar a curiosidade, bem como o desenrolar do aspecto lúdico, possibilitando que a criança desafie seu imaginário. Desta forma, no ambiente escolar, a contação de história deve e pode acontecer desde os primeiros anos de escolaridade da criança, pois esse hábito de ouvir histórias fará com que a criança forme uma identidade, bem como para estabelecer uma relação de troca entre o ouvinte e o contador, criando, assim, uma bagagem cultural e afetiva.

Cléo Busatto (2006) afirma que:

As histórias são verdadeiras fontes de sabedoria, que têm papel formador da identidade. Há pouco tempo, elas foram descobertas como fonte de conhecimento de vida, tornando-se também um grande recurso para educadores. Com o advento da comunicação, ampliação dos seus recursos e a globalização das informações, a linguagem falada tende a definhir, porém, concomitante a esse desenvolvimento, surgiu uma necessidade de resgatar os valores tradicionais e a própria natureza humana. A tradição oral dos contos, não só não reapareceu, como está ganhando força nos últimos tempos. (BUSATTO, 2006, p. 21)

A história, contada ou lida, atinge fatores essenciais na vida de uma criança, pois ela passa a conhecer melhor os interesses, bem como desenvolver o raciocínio, ter mais sensibilidade, enxergar o mundo de formas diversas. A criança passa a entender determinado conteúdo de uma forma diferenciada, podendo, ainda, criar conceitos, aumentando o interesse pelo ambiente escolar e, principalmente, pelas aulas, pela autoidentificação, consegue compreender as situações desagradáveis com mais facilidade e, com isso, resolve os conflitos que a cerca.

É importante salientar ainda que a contação de história possui o poder de envolver, sem fazer distinção da idade, bem como das circunstâncias e classe social. A história, tanto narrada, como escrita, possibilita a aquisição de conhecimentos, nos mais diversos níveis. Desta forma, a contação para crianças favorece o desenvolvimento psicológico, pedagógico

gico, social, histórico, estético e cultural.

Conforme apresentado por Adriane Schreiber Rigliski (2012):

O ato de contar uma história, além de atividade lúdica, estimula e auxilia o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. Muitos estudos relatam sua importância no desenvolvimento infantil, por ser recreativa, educativa, afetiva, alargando horizontes, estimulando a criatividade, criando hábitos, despertando emoções, valorizando sentimentos e também por estimular a socialização e desenvolver a atenção. O ver, sentir e ouvir são as primeiras disposições na memória das pessoas. Contar história é uma experiência de interação. Constitui um relacionamento cordial entre a pessoa que conta e os que ouvem. A interação que se estabelece aproxima os sujeitos envolvidos. (RIGLISKI, 2012, p. 12)

Desta forma, a contação de história deve possibilitar a interação do aluno, para que ele compreenda e interaja com a narrativa. É importante salientar que esse não é um papel exclusivamente da escola, mas também da família, onde todos devem estar engajados no processo de leitura. Por tudo isso, as crianças devem ser estimuladas desde os primeiros meses de vida, porém, muitas delas não têm esse privilégio, de encontrarem na família o incentivo para a leitura, uma vez que os pais não possuem tal hábito. Desta forma, o ambiente escolar deve estimular o ato de ler.

Conforme Marisa Lajolo (2002, p. 7): “quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela”. Desta forma, percebe-se que a criança deve receber estímulo para leitura tanto na escola como fora dela, principalmente no ambiente familiar, para que possa também despertar o gosto pela leitura. Isso contribui para que ela possa, quando adulta, passar para seus filhos.

Marisa Lajolo (2002, p. 66), também acrescenta que: “a escola conta com a Literatura Infantil para difundir pelo envolvimento da narrativa, ou pela forma encantadora dos versos – sentimentos, atitudes e comportamentos que lhes competem inculcar em sua clientela”.

5. A contação de história a partir da legislação educacional brasileira

Como a contação de histórias possibilita a ampliação de conhecimentos de mundo, linguísticos e relacionais faz-se imprescindível atentar para o que apresenta a BNCC:

A educação infantil precisa promover experiências nas quais as crianças

possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano. (BRASIL, 2017, p. 41)

Conforme estabelecido na Constituição Federal de 1988, a educação infantil é reconhecida como dever do Estado, devendo ser atendida em creches e pré-escolas. Desta forma, é de suma importância que as escolas ou creches atendam aos requisitos necessários e essenciais para o desenvolvimento da criança, conforme pode ser conferido em Santos (2011, p. 8), quando afere que:

A partir da Constituição Federal de 1988, a educação infantil é reconhecida como dever do Estado garantido como direito da criança o atendimento em creches e pré-escolas, desde então, as instituições de educação infantil vêm travando uma busca constante na elaboração de concepções sobre a educação de crianças pequenas. Dessa forma, ao longo dos anos a educação infantil começa a ser vista com o novo olhar, buscando assegurar práticas junto às crianças que possam garantir uma aprendizagem contínua e sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental, tendo como objetivo educar e cuidar de maneira indissociável.

Levando em consideração as diferenças individuais de cada pessoa, é possível perceber, a partir das Diretrizes Curriculares para a educação infantil, uma concepção de criança multifacetada, quando analisada a partir da Resolução nº 5 (CNE/CEB, 2009, p. 12), principalmente no que se trata no artigo 4º, afirmando que: “Sujeito histórico e de direito que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura”.

Nesse sentido, as escolas e creches devem propiciar a formação das crianças, fazendo com que elas tenham acesso às experiências lúdicas e prazerosas por meio da contação de histórias.

A contação de história coloca em contato diretamente a criança com a oralidade, propiciando a leitura e a escrita, fortalecendo competências no campo da interpretação textual. A esse respeito, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997, p. 38) afirmam que:

Não é papel da escola ensinar o aluno a falar: isso é algo que a criança aprende muito antes da idade escolar. Talvez por isso, a escola não tenha tomado para si a tarefa de ensinar quaisquer usos e forma de língua oral. Quando o fez, foi de maneira inadequada: tentou corrigir a fala “errada” dos alunos – por não ser coincidente com a variedade linguística de prestígio social –, com a

esperança de evitar que escrevessem errado. Reforçou assim o preconceito contra aqueles que falam diferente da variedade prestigiada.

Desta forma, a literatura permite à criança o encontro com a linguagem, possibilitando e contribuindo para o desenvolvimento da linguagem oral, bem como fazendo com que se tenha uma visão mais ampla sobre a oralidade a partir do trabalho lúdico. Nesse sentido, cabe reiterar que a contação de história é uma atividade importante e contribui para o desenvolvimento da linguagem da criança.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997) nos mostram que não basta deixar que as crianças falem, já que apenas o falar cotidiano e a exposição ao falar alheio não garantem a aprendizagem necessária. É preciso que as atividades de uso e as de reflexão sobre a língua oral estejam contextualizadas em projetos de estudo, quer sejam da área de Língua Portuguesa, quer sejam das demais áreas do conhecimento. A linguagem tem um importante papel no processo de ensino, pois atravessa todas as áreas do conhecimento, mas o contrário também vale: as atividades relacionadas às diferentes áreas são, por sua vez, fundamentais para a realização de aprendizagens de natureza linguística.

De acordo com a *Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009*, em seu artigo 9º, explicita-se que as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da educação infantil devem ter como eixos norteadores as interações e as brincadeiras, e, especificamente, em seus incisos II e III, enfatiza-se que devem ser garantidas experiências que II – Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical e III – Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes supostos e gêneros textuais orais e escritos. (BRASIL, 2009, p. 4)

Desta forma, entende-se que os documentos oficiais da educação brasileira evidenciam a importância da contação de história como uma das formas de favorecer a aprendizagem da criança, proporcionando-lhe um panorama diferenciado e abrangente sobre a atuação no mundo, levando-a a compreender a oralidade e a identificar os fatores essenciais e necessários para o crescimento humano.

É possível identificar que a contação de história, a partir da legislação educacional brasileira, desempenha um papel essencial e significativo para o desenvolvimento da criança, principalmente, quanto se trata de

linguagem oral, dramatização, desenvolvimento e aprimoramento do desenvolvimento motor e cognitivo da criança.

Conforme destacado pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997), contar histórias, na escola, se diferencia do contar histórias fora dela. Uma das implicações das ideias de Lev Semyonovitch Vigotsky para a educação formal é que esta constitui uma via de acesso da criança ao conhecimento científico e este conhecimento faz parte do mundo cultural. É importante considerar que, dependendo da ação pedagógica, os efeitos produzidos podem ou não corresponder aos conhecimentos pretendidos, gerando êxitos ou fracassos.

É importante mencionar que a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) evidencia que a oralidade deve ser estimulada desde os primeiros anos de idade e isso se dá a partir da contação de histórias, levando-se em consideração que esse processo traz contribuições imprescindíveis para o desenvolvimento cultural, cognitivo, pedagógico, linguístico, literário e, conseqüentemente, social e interacional da criança.

Quando o professor conta histórias para as crianças, ele lhes transmite conhecimentos e valores que vão ser experimentados por elas por meio das experiências anteriores que trazem à sala de aula; quer dizer, é por meio daquilo que elas já sabem que as crianças criarão suas fantasias e imaginação.

A partir dos documentos oficiais, é possível identificar que os alunos da educação infantil se constroem e se constituem por meio dos significados e dos sentidos produzidos nas interações desenvolvidas em sala de aula. O docente ocupa um lugar diferente dos discentes nas trocas dialógicas, o que lhes confere um papel importante como representante do grupo social.

Quando estimulados, os alunos conseguem captar a realidade que os cerca e, sob esta ótica, a partir dos documentos oficiais é possível entender que a contação de história é condição *sine qua non* para que o discente arvore memórias, descortine o passado e repense o presente-futuro.

É importante destacar ainda que a contação de histórias proposta na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) manifesta que os educadores devem desenvolver atividades compreendendo a realidade de cada aluno, propiciando o exercício da fantasia em cada narrativa.

Desse ângulo, constata-se que a contação de história desempenha

um papel essencial e significativo no desenvolvimento e aprimoramento do desenvolvimento do aprendizado da criança.

6. A contação de história no ambiente escolar: alguns caminhos e direções

No ambiente escolar, o professor e a professora devem se esforçar com a intenção de fazer com que a leitura seja sedutora para estimular os alunos e despertar neles a admiração pelo livro, bem como a curiosidade e a simpatia. Antes de tudo, o educador e a educadora devem ser leitores para que o estudante possa compreender o querer e o aprender a ler. Em suma, quem trabalhar com a contação deve gostar de ler e levar isso para o ambiente familiar, incentivando os pais a lerem, para que, desta forma, possam contar história para os filhos no ambiente familiar.

A esse respeito, Marisa Lajolo (1996) enfatiza o seguinte:

[...] se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas. (LAJOLO, 1996, p. 53)

Desta forma, os professores também devem estar engajados na leitura, isso não apenas no espaço escolar, mas, de uma forma geral, os educadores devem ser leitores, pois, é através desse hábito que vão transmitir sua relação com o texto para seus alunos, fazendo com que eles se estimulem e transformem em vorazes leitores.

A esse respeito, o *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* (1998) afirma que:

O ato de ler é cultural. Quando o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independentemente da idade delas, dando atenção para a inteligibilidade e riqueza do texto para a beleza das ilustrações, ele permite às crianças construírem um sentimento de curiosidade pelo livro (ou revista, gibi etc.) e pela escrita. (BRASIL, 1998, p. 135)

Frente ao exposto, é interessante e importante que os professores da educação infantil tenham compreensão dessa importância e façam do trabalho um local especial para os livros, criando cantinhos e rodas de leituras. Ademais, o local deve ser aconchegante e entusiasmante para que o aluno possa ter vontade de ler.

Os educadores também devem fazer com que os alunos interajam

com o texto, ou seja, se envolvam para que possam vivenciar a história que foi contada. Conforme aponta Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso (2006), percebe-se o envolvimento dos sujeitos com o texto literário, comprovando os efeitos que eles podem provocar no leitor, encantando até crianças de 3 a 5 anos que estão à “borda da infância”.

De acordo com Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso (2006), é possível analisar que a relação de cumplicidade que as histórias transmitem para o leitor não acontece na leitura solitária. O diálogo entre ambos possibilita que sejam discutidos os momentos de interação entre texto e leitor, no qual cada um foi enriquecido pelo outro, com as diversas significações construídas pelo leitor/ouvinte.

À medida que os textos deixam espaço para a participação do ouvinte, eles incentivam a criação de imagens e suscitaram perguntas, aumentando a participação dos leitores. A proposta textual parece intensificar a atividade imaginativa da criança, mobilizando-a a criar soluções, o que também a leva a participar das experiências dos personagens, mesmo sendo, até então, desconhecidas. E, através de suas pressuposições, o leitor/ouvinte vai preenchendo os vazios textuais.

Durante a narrativa, a atenção da criança se divide entre o momento que está vivendo (presente) e o que imagina viver (futuro). A ausência de explicações sobre as ações, atitudes e poucas descrições das personagens, bem como de lugares em que se passam os episódios, podem ser considerados vazios deixados pelo texto, os quais estimulam a criança a gerar imagens e a pensar soluções que ajudariam na resolução das situações apresentadas. Como realça Wolfgang Iser (1989), os leitores, no caso as crianças, são jogados nos acontecimentos.

Conforme aponta Lev Semyonovitch Vigotsky:

[...] é muito mais fácil desenvolver o desejo literário na criança e se ter mais êxito quando se convida a criança a escrever sobre a temática que compreenda o seu interior, que a emocione e, especialmente, a estimule a expressar com a palavra o seu mundo interno. É muito frequente que a criança escreva mal porque não tem de que escrever. (VIGOTSKY, 2003, p. 57)

A criança se interessa mais por aquilo que faz parte do próprio cotidiano, sobretudo, quando o conhece bem. Há que se educar a criança a ouvir sobre o que lhe interessa profundamente, sobre o que pensou muito e com profundidade, sobre o que conhece bem e se orienta facilmente. (VIGOTSKY, 2003)

Daí a razão de incentivar a criança a ouvir histórias, pois, como menciona Bruno Bettelheim (1980),

as narrativas maravilhosas procedem do mesmo modo que a mente infantil, ou seja, pela fantasia e imaginação. Essas histórias, como a criança diante de seus problemas, começam de um modo completamente realista, como a história contada de uma forma mais dinâmica, envolvendo personagens que atrairão o imaginário da criança.

As histórias trazem situação real, mas que se resolvem no jogo da imaginação da criança. Por isso que, após a leitura, o pequeno sente-se confiante para escrever uma nova história. Nesse âmbito, Lev Semyonovitch Vigotsky afirma que “a criança necessita jogar e a criação literária dela, nesse momento, é o jogo [...]”. (VIGOTSKY, 2003, p. 79)

Fazendo intersecção com o que aparece no parágrafo acima, é importante mencionar o Bruno Bettelheim afirma:

Quando as histórias estão sendo lidas para crianças em salas de aula ou em bibliotecas durante a hora da estória, as crianças parecem fascinadas. Mas com frequência elas não recebem nenhuma oportunidade de meditar sobre os contos ou reagir de outra forma; ou eles são amontoados imediatamente com outra atividade, ou outra estória de um tipo diferente lhes é contada, o que dilui ou destrói a impressão que a estória de fadas criou. Falando com crianças depois de uma experiência dessas, vê-se que a estória poderia não lhes ter sido contada, apesar do bem que possa lhes ter feito. Mas quando o contador dá tempo às crianças de refletir sobre as estórias, para que mergulhem na atmosfera que a audição cria, e quando são encorajadas a falar sobre o assunto, então a conversão posterior revela que a estória tem muito a oferecer [...]. (BETTELHEIM, 1980, p. 75)

Cabe pontuar que segundo Edenildes Damasceno de Santana, a linguagem literária libera a criança das impressões imediatas sobre o objeto, pois oferece a ela a possibilidade de representar para si algum objeto que não tenha visto, e, daí, vir a pensar nele. Através da linguagem, a criança pode expressar aquilo que não coincide com a combinação exata de objetos reais e sua representação linguística realista. Nas palavras de Lev Semyonovitch Vigotsky (1998):

[...] que não só a linguagem, mas a vida posterior da criança está a serviço do desenvolvimento de sua imaginação; tal papel é desempenhado, por exemplo, pela escola, onde a criança pode pensar minuciosamente sobre algo de forma imaginada, antes de levá-lo a cabo. Isto sem dúvida constitui a base do fato de que, precisamente durante a idade escolar, se estabeleçam as formas primárias da capacidade de sonhar no sentido próprio da palavra, ou seja, a possibilidade e a faculdade de se entregar mais ou menos conscientemente a determinadas elucubrações mentais, independentemente da função relacionada com o pensamento realista. [...] vemos que não só o aparecimento em si da linguagem, mas

também os momentos cruciais mais importantes em seu desenvolvimento, são ao mesmo tempo momentos cruciais também no desenvolvimento da imaginação (VIGOTSKY, 1998, p. 122-123).

Ainda segundo Edenildes Damasceno de Santana, a atividade da imaginação, além de estar atrelada ao desenvolvimento da linguagem, apresenta outro ponto: durante essa atividade, há um momento importante, que Lev Semyonovitch Vigotsky (1998) denominou de lei da sensação real. Essa atividade está estreitamente ligada ao movimento de sentimentos. Com muita frequência, tal ou qual estrutura revela-se irreal do ponto de vista dos momentos racionais que servem de base para as imagens fantásticas, mas é real no sentido emocional. Por isso, os contos de fadas, enquanto divertem a criança, esclarecem-na sobre si mesma e favorecem o desenvolvimento de sua personalidade. É a literatura que oferece significados em níveis diferentes, enriquecendo a existência da criança.

Para Bruno Bettelheim (1980), os contos de fadas são:

Ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos. (BETTELHEIM, 1980, p. 20-21)

Nessa linha, Bruno Bettelheim diz que “as respostas que as histórias fictícias oferecem, são mais fantásticas do que verdadeiras” (1980, p. 61), até porque essas histórias não pretendem descrever o mundo tal como é, mas o contrário, o que a criança vê como real. Há nelas um mundo repleto de fantasia para que o pequeno possa brincar com os elementos simbólicos apresentados e, a partir desse estímulo, desenvolver a sua imaginação. Segundo Jacqueline Held, “a imaginação, como a inteligência ou a sensibilidade, ou é cultivada, ou se atrofia. Pensamos que a imaginação deve ser alimentada [...]”. (HELD, citado por BETTELHEIM, 1980, p. 46)

Procurando alimentar a imaginação infantil através da história, num ambiente em que a criança se sinta participante do jogo literário, faz-se necessária a criação e aplicação de oficinas literárias do gênero no espaço escolar. Regina Zilberman e Marisa Lajolo (2005), afirmam que: “os livros lidos e as histórias contadas na infância, permanecem na memória, e as lembranças sempre regressam desde que lhes possibilitemos o retorno”.

7. *Intento de considerações finais*

A partir da própria experiência e de interseção desta com as teorias e pensadores que consubstanciam a contação de histórias, pode-se afirmar que a sala de aula é um espaço de múltiplas culturas e vivências coletivas, integração social e outros aspectos relevantes para a formação de sujeitos livres, emancipados, autônomos, ativos, imaginativos e produtores de sentido.

O ato de narrar ou de contar histórias em sala de aula, e para além dela, é crucial não somente para a formação do leitor, mas, principalmente, para a constituição do cidadão. A contação, quando realizada de forma planejada, pensada e bem desenvolvida, no período da infância, proporcionará elementos importantes para a construção real de conhecimentos, além de favorecer a interação da criança com o mundo.

Ao longo da pesquisa foi possível verificar que a contação de história, de fato, favorece o processo de aprendizagem, pois a criança passa a interagir com o texto oral ou escrito. Assim sendo, a sala de aula se transforma em um lugar de construção e de reconstrução de conhecimentos.

Verificou-se, por último, que a contação de história faz com que a criança desperte o interesse em realizar leitura, principalmente quando se trata de histórias ilustradas, teatro, entre outros, que vão fazer com que ela vivencie a história e compreenda o ambiente em que se insere.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC, 1998.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB n. 5, de 17 de dezembro de 2009. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília: MEC, 18/12/2009.

_____. Ministério de Educação e Cultura. *LDB – Lei n° 9394/96*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

_____. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUSATTO, Cléo. *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CAVALCANTI, Joana. *Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica*. São Paulo: Paulus, 2002.

CESAR, Cíntia; MAGALHÃES, Linda Cristina; PEREIRA, Silvana; LEITE, Vânia Aparecida Marques. As contribuições da contação de histórias como incentivo à leitura na educação infantil. *Revista Interação*, ano X, nº 2, 2º semestre de 2014.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CRUZ, Carla; RIBEIRO, Uirá. *Metodologia científica: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Gisella Narcisi, 2004.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____; _____. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. Série fundamentos. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

RIGLISKI, Adriane Schreiber. *Contribuições da contação de histórias no desenvolvimento das linguagens na infância*. Ijuí: INIJUÍ, 2012.

ROMÃO, Luis Fernando de França. *A constitucionalização dos direitos da criança e do adolescente*. São Paulo: Almedina, 2016.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

TAHAN, Malba. *A arte de ler e contar histórias*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

VIGOTSKY, Lev Semyonovitch. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Psicologia pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2003.